



Director literario:

António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Colla
PAPUSSE

DO LIVRO SUA MAGESTADE O MENINO

EM PREPARAÇÃO

POR MARIA AMELIA
DE MIRANDA RODRIGUES

Desenhos de EDUARDO MALTA



LILI

« E agora o que lhe vão fazer? »

— « Matá-lo; ou a menina quer ficar com ele?! »

— « Eu?... Ah! Como é que o vão matar? »

— « Quere ver?... »

— « Quero. »

A cozinheira, muito calma, pôs a ratoeira num balde, que encheu de água fria. O bichinho, lá dentro, procurava subir para escapar à morte.

Lili seguiu, emocionada, as peripécias do drama. Mas quando viu o rato agarrar-se às grades, num espasmo, gritou:

— « Maria, solta-o, coitadinho; é um pecado. Pois tu não sabes que os ratos são créaturas de Deus, como tu?! »

E, ante um riso de escárneo da criada:

— « E eu vou fazer queixa à mãe de que tu andas a matar os ratos todos! »

O ENTERRO DO COELHINHO BRANCO

JULINHO soubera da triste notícia pela criada da Geja. O coelhinho branco, de que ele e a sua amiguinha tanto gostavam, aparecera inteirido, e as pálpelas a deixarem ver só uma nesguinha daqueles lindos olhos cõr de

(Continúa na página 4)

LILI tinha muito medo dos ratos, das baratas, das aranhas.

Sentava-se numa cadeira e se, por acaso, uma mosca lhe pousava na pernita nua, lá se punha ela a gritar:

— « Esta cadeira tem teias, anda acudir, ó Maria! »

Antes de se deitar, perdia imenso tempo a ver se por debaixo da cama, não havia novidade, se podia dormir sem receio de ser assaltada pelos seus temíveis inimigos.

De uma vez ela ouviu a cozinheira a dizer:

— « Cá está um!... »

Foi ver o que era. Um ratinho caíra na ratoeira. Os olhos d'ele, pareciam duas continhas pretas, muito brilhantes. Assustado, desvairado, procurava libertar-se.





A criança desaparecida

POR MARIA ROSA RESEDÁ
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

ERA uma hora da madrugada. No céu não scintilava uma única estrela; a noite estava escuríssima. Núvens muito negras descarregavam sobre a terra, em fortes aguaceiros, grossas batedas de água. O vento uivava com furor levando na sua frente tudo que encontrava. Muito ao longe ouvia-se o ribombar do trovão e a espaços o clarão muito vivo dum relâmpago iluminava a escuridão da noite. A tempestade vinha-se aproximando. Segurando com uma das mãos o guarda-chuva e com a outra o chapéu que o vento queria arrancar, um transeunte recolhia a casa caminhando apressadamente. Era o Dr. Almeida, médico muito distinto, e que vinha de visitar um doente. Subitamente o silêncio da noite foi perturbado por uma voz infantil que apregoava:— Quem quer comprar ovos? São muito fresquinhos!

O Dr. Almeida estacou; aquele pregão, fóra de horas, admirava-o. Esteve uns momentos escutando, mas, não ouvindo mais nada, continuou o seu caminho. Não tinha dado muitos passos quando o mesmo pregão se ouviu e, desta vez, era tão triste que o médico ficou impressionado. Dirigiu-se para o sítio de onde lhe parecia ter vindo o som. Encostada a uma porta, muito mal abrigada, estava uma criança. Não parecia ter mais de 10 anos de idade. Cobriam-lhe o corpo magro e enfezado uns farrapos que, em tempos, teriam o nome de vestido. Os pés e as mãos estavam roxos de frio; trazia enfiado num dos braços um cesto com alguns ovos.

A pequenita ergueu os olhos para o doutor, uns olhos lindos, muito grandes, que a magreza do rosto, fazia parecer maiores. Olhos onde mais vezes se devia ler a tristeza do que a alegria. O médico, ao contemplar a criança esfarapada, a tiritar de frio, lembrou-se da filha, da sua Bêbé, que a esta hora dormia aconchegada e quente na fôfa caminha. E, condeido com tanta miséria, perguntou-lhe:

—O que fazes por aqui a esta hora? Porque não vais para casa?

—E' que, respondeu a pequena com os olhos marejados de lágrimas, se eu fór para casa sem vender os ovos, a minha tia bate-me. Tenho o corpo cheio de nódoas negras das pancadas que me dá. Ela é galinheira; todos os dias me entrega oito dúzias de ovos e, se apareço em casa sem ter conseguido vender as oito dúzias, bate-me tanto que, se as vizinhas não vêem acudir, acaba por me matar. Enquanto não vender a dúzia e meia que ainda me resta, não me atrevo a aparecer-lhe, tenho medo que dê cabo de mim. Ela cada vez está mais má... e a pequena soluçava ao dizer isto. Na verdade era bem triste a vida da pobre criança.

—Mas isso é uma barbaridade, exclamou o doutor indignado, podes ficar aqui toda a noite.

E, acariciando a pequena continuou:

—Não chores que eu compro-te os ovos e, como te vou levar a casa, não deixarei que a tua tia te bata. Vamos, ensina-me onde é.

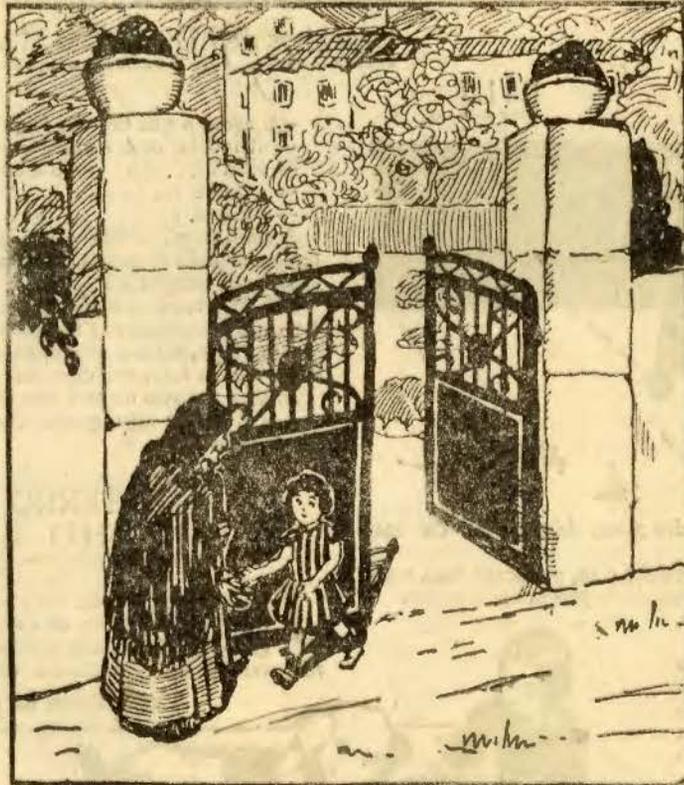
E pegando-lhe na mão, puzeram-se a caminho.

Mas Beatriz (assim se chamava a pequena) tinha as pernitas muito fracas e depois de andar algum tempo teve de parar, esalfada. Então o bom doutor pegou-lhe ao colo e continuou a caminhar. Chegaram a um beco onde se viam montes de lixo por toda a parte; apontando para

um prédio de cinco andares, a pequena exclamou:

—E' ali! A escada era tão estreita que mal cabia uma pessoa e os degraus meios podres rangiam, desesperadamente, debaixo dos pesados pés do doutor. A porta que deitava para a água-furtada estava entreaberta e o médico, pondo a criança no chão, espreitou antes de entrar.

Viu um quarto muito sujo, quasi sem móveis. De pé, encostada a uma mesa, estava uma mulher de meia idade. Tinha as feições muito grossas, olhos vesgos e amortecidos e, com



os cabelos desganhados, parecia uma bruxa. Os dentes longos e pontegudos; o nariz aillado e muito vermelho na ponta, denunciava que a mulher era apreciadora de bebidas alcohólicas. Sobre a mesa uma garrafa e um copo contendo uma bebida branca que se via ser aguardente. E, a completar o quadro, um candieiro de peiojeo iluminava frouxamente, o aposento. A mulher levou o copo à boca e bebeu soiregamente. Depois, limpando os beiços à manga da blusa, tornou a encher o copo. Mas, neste momento, a pequena entrou no quarto e o medico escondeu-se atrás da porta. A mulher ao vê-la começou a descompô-la:

— « Ah! só agora é que vens? E ainda por cima não vendeste os ovos? Então, espera que já vais experimentar que tal é este pau de marmeleiro. » E a má mulher foi buscar uma grossa chibata. Preparava-se para dar uma sova na sobrinha quando a voz grossa do doutor a fez sobressaltar:

— « Alto! disse o medico com voz severa. Proibo-a de tocar nessa criança. »

— « Essa agora; que tem o senhor com isso?! » respondeu a mulher avançando para elle com arrogancia.

Fique sabendo, retorquiu o doutor sem se atterar, que posso mandá-la preuder por dar maus trato a sua sobrinha. Como médica, vejo bem que a magreza dessa criança não é natural; e devida à padecida e à fome que passa.

A megera vendo que não levava a melhor, mudou de tom, começando a lastimar-se: Que não tinha culpa nenhuma. A pequena era uma ingrata, uma preguiçosa; não queria fazer nada e ainda por cima ia queixar-se... Mas o medico atathou aqueias lam, dizendo:

— « Se continuas a maltratar a criança, dou parte à policia e irá fazer conhecimento com a prisão. »

Despedindo-se de Beatriz, que tremia de medo, a um canto, deu-lhe um cartao com o seu nome e morada para ella lhe levar os ovos. Depois, fingindo não ver o olhar de odio que lhe deitou a mulher, saiu da mansarda.

Quando ella se certificou que o doutor já estava na rua, agarrou num braço da pequena e, sacudindo-a com fúria, disse raivosa:

— Foste fazer queixinhas, mas deixa estar que eu me vingarei!...

Depois, atirou-a brutalmente para o outro lado do quarto.

Beatriz soluçava baixinho, enquanto a chuva lá fóra continuava caindo cada vez com mais força: No dia seguinte, a pequena, aproveitando a saída da tia, foi numa corri-

da a casa do Dr. Almeida. Todos a receberam carinhosamente, como vidos com a miséria da infeliz criança. A Bêbé que tinha muito bom coração deu-lhe logo um vestido e uns sapatos. Para Beatriz aque.e conhecimento foi um raio de sol na sua vida tão triste. Perto da residência do medico, numa casa circundada por um jardim, viviam uns clientes do Dr. Almeida, mulher e marido.

Tinham tido uma filha; mas, uma tarde a pequenita, que contava então três anos de idade, desaparecera misteriosamente do jardim onde andava brincando.

Não se pode imaginar o desespero dos pobres pais! Procuraram-na por toda a parte, puzeram a policia em campo, consultaram os mais afamados detectives,

tudo em vão, a criança continuava sem aparecer. Calculava-se que tivesse sido roubada. Desde então naquella casa nunca mais houve alegria. Com o desgosto a pobre senhora ficou transtornada da cabeça. Em todas as crianças imaginava ver a filha. E, apesar de terem passado sete anos, não perdera a esperança de a encontrar. A Bêbé

ia muitas vezes brincar para casa deles, conseguindo com as suas travessuras distrai-los um pouco. Já se vê que Beatriz acompanhava a sua amiguinha. Logo, à primeira vista, a pequena agradeu-lhes. E a pobre senhora sentiu tal amizade por ella que a queria sempre junto de si. E que as leições da criança recordavam-lhe as da filhinha extremecida.

Um dia, a pequena foi muito afflita chamar o Dr. Almeida porque a tia tinha tido um derramaio. Quando chegaram, a mulher recuperara os sentidos, mas estava paralytica de um lado. Tinha tido uma congestão cerebral e, nenhuma esperança havia de a salvar.

Durante os dias que ella viveu, Beatriz tratou-a com tal carinho e dedicação que a mulher chorava, arrependida de ter sido tão má para ella. Vendo aproximar-se a morte, e tendo o castigo de Deus quiz conversar a sós com o doutor. Então, contou-lhe que a pequena não era sua sobrinha. Encontrando aberta a porta de um jardim atraira a criança para a rua e fingindo que lhe ia dar

bolos, fugira com ella. Agora estava muito arrependida do acto que tinha praticado. Entregou ao medico um cordão e uma medalha com dois retratos, que a criança trazia ao pescoço quando fora roubada. O doutor, abrindo o medalhão, teve uma agradável surpresa ao reconhecer nas fotografias os pais da criança que tinha desaparecido há sete anos. Horas depois a mulher falecia. E nessa mesma tarde o medico levando Beatriz pela mão foi entregá-la aos felizes pais que choravam de alegria abraçados à filha, enfim, encontrada.



SUA MAGESTADE O M'ENINO

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES

A CRIADA



TINHA 8 anos e fôra servir para casa da senhora Viscondessa, no Estoril.

Servir!... Frágil, também aristocrata no ouro dos cabelos e safiras dos olhos, Ilda não compreendia bem o sentido da sua nova existência.

Aqueles meninos que se calçavam sempre, que tinham muitas camas, bonecas, elefantes, automóveis, davam-lhe que pensar. Porque não os trataria por tu?! Porque usaria ela um avental branco?! A desigualdade irritava-a. Ilda gostava mais do seu pátio do Cachaneta onde não havia flores, nem metais brilhantes, onde as casas esburacadas não tinham tapetes, nem soalhos e uma cama pertencia a muita gente, onde, enfim, podia, como os outros, gritar, ao sol, a alegria da sua alma de borboleta.

Ali, pelo contrário, tinha de talar baixo e não se mexia à vontade, com medo de partir qualquer das bonitas coisas que encontrava a cada passo.

Decididamente, as pessoas e o palacete da senhora Viscondessa, eram-lhe hostis.

O desejo de tornar a ver a mãe, de não servir mais, fê-la sombria.

Uma vez, como já estava muito aborrecida, bateu no senhor D. António por êle a obrigar a fazer de cabra-cega.

A audácia valeu-lhe uma repreensão da senhora. Ela chorou e prometeu emendar-se. Mas quê?! Podia lá! O senhor D. António e os manos, agora, andavam sempre a dizer-lhe:

—«Não tomes confiança. Olha que tu és criada!»

Era demais para se livrar daquela desgraça. Só podia fugir para um lugar onde não fôsse menos do que os outros. Mas não tinha dinheiro para o comboio.

O mar!... Pois os barcos não iam para Lisboa, em cima dêle?!

Serenamente, numa tarde de cinza, que amedrontava os próprios banheiros, a Ilda resolveu-se.

E lá fugiu, abraçadinha a uma onda torva, para uma igualdade que não foi, com certeza, a do seu querido Pátio do Cachaneta!

rosa. E Geja mandara perguntar, ao seu amigo, se já estava melhor, se podia ir ao enterro do coelhinho.

Ele mandou dizer que não, que ficava à janela, entre os vidros, para ver.

Estava um dia sombrio. Julinho, muito pálido, esperava. De repente, apareceu a Geja no quintal, a segurar o «Nero», que arrastava pela cauda uma caixa de papelão, onde o coelhinho branco estava coberto de flores cor de rosa, cor dos seus olhos lindos...

Julinho, comovido, levantou-se respeitosa e, como se o que passasse, lá em baixo, fosse o enterro de uma pessoa, murmurou:

—«Que descanse em paz a tua alma, meu querido coelhinho dos olhos cor de rosa!»

A CARTA DA LÁLÁ

VÉSPERA do Natal. Lálá e Bibi, esqueciam o tempo, em segredinhos. A Mãe ouviu, apesar de tudo, algumas palavras:

- «Vai tu...»
- «Não, vai tu... antes.»
- «Eu tenho vergonha de dizer à Mãe!»
- «Olhem, filhas, se é pedir dinheiro, escusam de se magoar. As meninas sabem que a mãezinha é pobre.»

Mas o entusiasmo não esfriou e pela tarde, entre beijos e palavras meigas, a Lálá deixou-lhe no regaço, um papelinho quadriculado e escrito a lápis. Dizia assim:

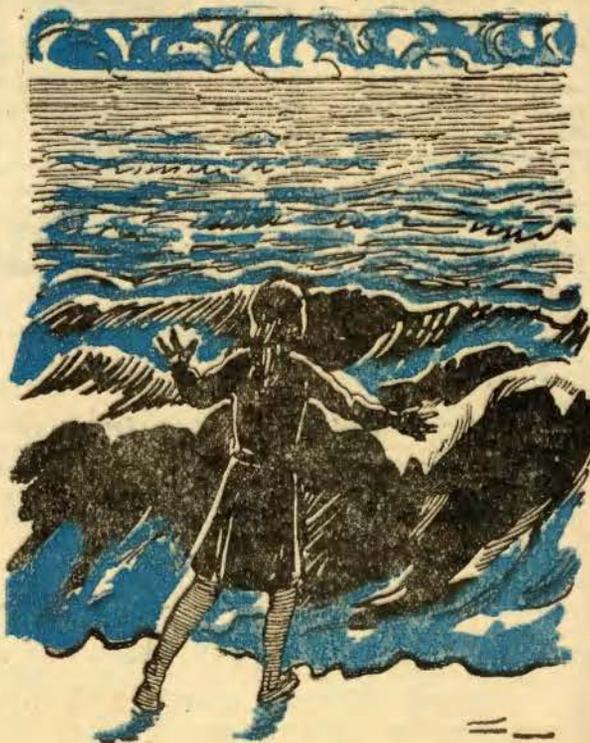
«Minha querida Mãe:

Eu venho-te pedir uma cousa que eu julgo que tu me dês se a pessoa que a trazer não pedir dinheiro, mas Deus permita que a pessoa não peça dinheiro. E' o seguinte: — eu queria uma árvore de Natal, mas para eu arranjar a árvore, preciso que qualquer pessoa a traga e eu lembrei-me do carvoeiro: êsse é que podia trazer, não é verdade?

Mas olha, Mãe, não estejas a pensar que é uma cousa muita grande; é pouco mais ou menos, um raminho de uma árvore. E eu, depois, enfeitava a árvore de Natal com os meus brinquedos, aqueles que tu me deste quando eu fiz anos. A Bibi dá as pratas do chocolate que o padrinho lhe deu.

Olha; já vês que não é pedir-te dinheiro.

Lálá»



SUA MAGESTADE O MENINO

Por MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES



Não me arrependi, Mãe! — respondeu, vivamente, o Joãozinho. Tenho saudades do meu bolo; ele era tão lindo e o homem tinha-lhe posto uma bandeirinha e tantas flores de papel!...

OS DOIS MINUTOS DE SILÊNCIO

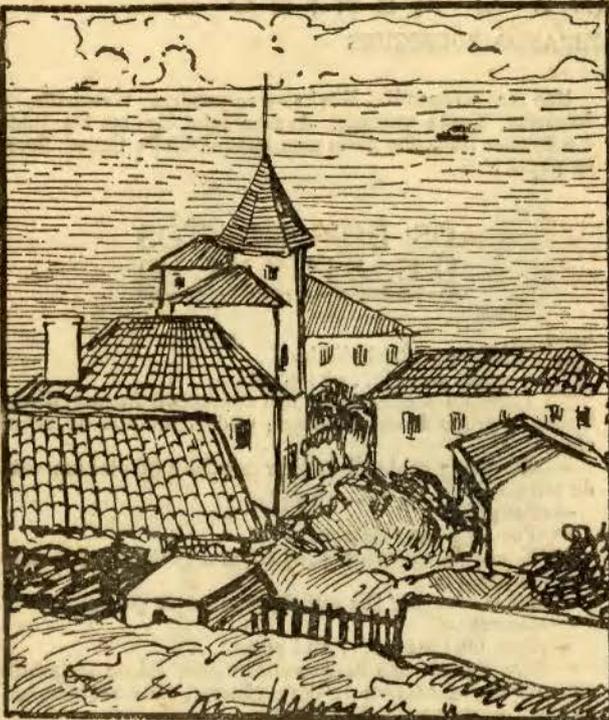
ESTAVA uma tarde linda.
— «Oh! graxa!... oh! graxa!...»
Calado o pregão, como não aparecesse freguez, discutiu-se, no grupo de engraxadores, os dois minutos de silêncio.
— «Diz que a gente há-de ficar calados e quietos um «ôr» de tempo.»
— «Porquê?!»
— «Por ser o nove de abril.»
— «E nos outros dias, porque é que a gente não fica calados, também?!»
— «Sei lá, ... pá! Diz que é por causa da guerra...»
— «Guerra!»
— «Sim. Oh! graxa!... oh! graxa!...»
— «Mas a gente não há-de estar quietos. Há-de ser muito giro, os outros socegados e a gente a berrar, não é verdade, ... pás?!» — insinuou o *Ruginhas*.
Aproximavam-se as 16 horas.
Soou o tiro, ao longe.
Como por encanto, parou tudo, num grande recolhimento. As pombas, assustadas, voaram no azul, muito puro, do céu e na calma envolvente, parece que até a brisa ajoelhou. O *Ruginhas* sentiu-se oprimido.
Quiz berrar e não ponde. A importância dos segundos que passavam, estrangulou-o e, ao ver que os outros procediam mal, a sua voz, muito comovida, disse:
— «Estejam calados, pás! Vocês não ouvem o Silêncio?!»

O BOLO-REI

O Joãozinho não cabia em si, de contente. O Pai tinha-lhe dado muito dinheiro, para comprar um bolo-rei só para ele comer.
— «Só para mim, Pai?»
— «Sim, só para ti; não é grande coisa.»
— «Oh! mas naturalmente a prenda é um batalhão de soldados de chumbo, um anel de prata, um relógio, talvez, não é verdade, Pai?»
— «Não sejas pateta.»
— «Mãe, deixa-me ir comprar o bolo. E' ali tão perto...»
Eu não me demoro nada e tomo cuidado com os automóveis, com as carroças. Deixas ir, sim? Eu depois dou-te um soldadinho e um bocadinho do meu bolo.»
Dentro em pouco, Joãozinho voltava, muito pálido e sem o bolo-rei.
— «Então?...»
— «Mãe, dei o meu bolo.»
— «A quem?!»
— «Olha; eu estava na pastelaria, quando vi uma rapariguinha da rua, muito suja e descalça com a cabeça encostada à montra. Quando eu saí, ela pôs-se a olhar para mim, com uns olhos azuis, muito grandes, muito cheios de lágrimas.
Preguntei-lhe: — «Porque estás a chorar? — «Por nada.» respondeu; mas não deixava de olhar para o meu bolo-rei, muito embrulhadinho num papel branco.
— «Tu já comeste bolos, alguma vez?»
— «Não, nunca.» e chorou muito. Eu disse-lhe;
— «Cala-te!» dei-lhe o meu bolo-rei, e comecei a fugir para casa.
— «Oh, Mãe, como há gente que não comeu bolos, nunca!»
— «Meu filho; não te deves arrepender do que fizeste. Quem dá aos pobres empresta a Deus. Nosso Senhor ficou satisfeito e há-de recompensar-te. Mas... que é isso?! Também estás a chorar!! E porquê?!...»

F I M





Meus meninos:
Vejam se descobrem o senhorio destas casas. Não está longe...

CORRESPONDENCIA

Noemia F. da Cruz — E' preferivel que mande originaes não muito grandes.

Nunca falto ao que prometo!

Francisco A. de Aguiar — Queres um piano?

Podia-se fazer mas e muito complicado.

A não ser que houvesse mais pedidos.

João Rocha da Silva — Estás um perfeito architecto.

Pena é que o desenho seja feito a lápis. Faz outro.

Fernando Duarte de Castro — Estou com imenso interesse em saber o que e essa coisa tão importante que tens a dizer-me, mas o pior é que o teu desenho não está nas condições. E' grande de mais e não e original.

Um abraço para ti e um beijinho para a prima Gigi.

Néné — Não tenha vergonha, minha obediente sobrinha.

Mande a história que eu faço-lhe uns desenhos. Sim?

Antônio Pinheiro Queimado — Desde que estejam nas condições... Os outros não vi.

Marta Gabriela — Muito interessantes os versos que mandou.

Se fossem no género dos que se refere, decerto seriam publicados.

Porque não experimenta?

Muitos cumprimentos.

Plinière — Os versos estão em poder do Sr. Santa Rita

Antônio de Menezes — Recebi os desenhos que não seriam devido à falta de atenção às recomendações que tenho dado.

Lili Ferreira — Os meus tardios parabens minha querida «sobrinha». Foi sem favor que ganhaste, podes crer.

Januário A. Guerra — A «engenhoca» que mandaste está quasi boa.

Lá chegarás, tem paciência...

Renato Ferrão — O assunto é muito longo e sem grande movimento.

Coisinhas mais pequenas!

Se estiveres de acordo tambem eu estarei no que diz respeito aos bonecos ou por outra, aos desenhos.

Almira Gonçalves — A fotografia que enviou não dá reprodução capaz. Se quiser mandar outra, será publicada.

Laura Amelia Rodrigues — O seu conto será publicado talvez no próximo número. Se quiser, pode mandar o seu retrato.

Heitor de Sousa Carneiro — Mande dizer se a poesia que mandou nunca foi publicadada e se é imaginada por si.

ANEDOTAS

Numa estação de caminho de ferro:

O passageiro: — «Faz favor vende-me um bilhete...»

O empregado: — «Para onde?...»

O passageiro: — «Isso agora é que você queria saber! Eu não disse a minha mulher para onde ia, quanto mais a você!»

José Luiz Durão Juníôr

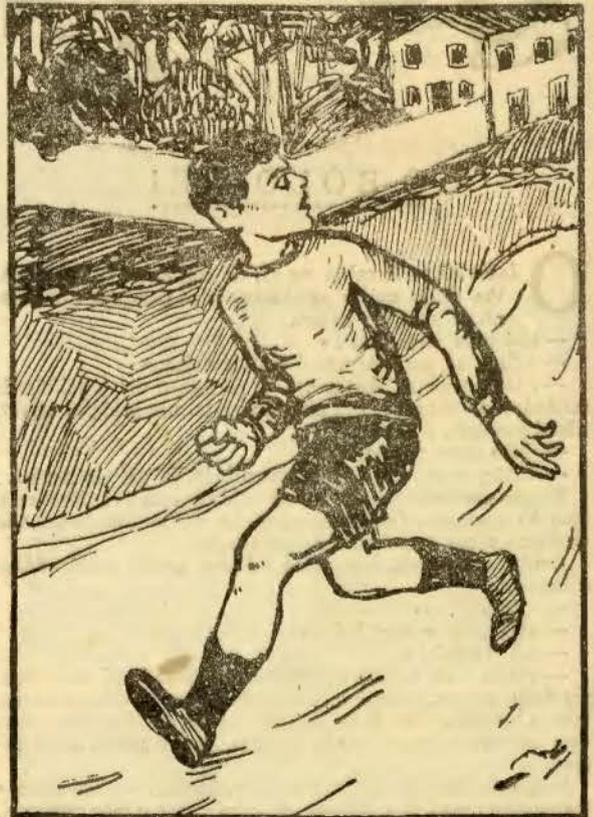
A ama com o menino recém nascido, ao colo, para o avô do bebé:

— «E' tal qual Vossa Excelência; vê-se bem que é seu neto!»

O avô, liçongeadó:

— «Parece-lhe ama?» —

— «Certamente. Não vê que não tem cabelos nem dentes... Tal e qual como o senhor.»



Este menino apanhou, agora mesmo, um grande susto. Porque virá êle a fugir? Vejam se descobrem.

HORA do RECREIO

EXPERIÊNCIAS SCIENTÍFICAS

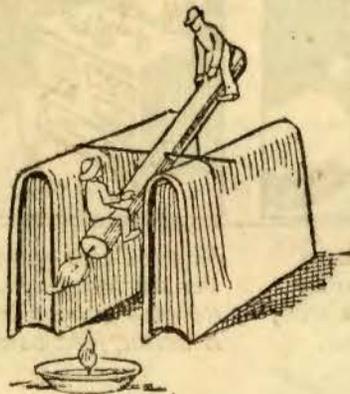
O baloço diabólico

Esta experiência, e as que se seguirem, é ainda baseada no princípio do pêso.

Aquece-se na chama de um candieiro uma agulha de meia e atravessa-se com ela, precisamente pelo meio do seu comprimento, uma vela de stearina cuja extremidade inferior foi raspada até aparecer a mecha.

Recortam-se em seguida dois bonecos num cartão de visita e fixa-se cada um nas extremidades da vela.

A agulha servirá de ponto de apoio a este baloço posada na lombada de dois livros encadernados, abertos em forma de V invertido, em cima da mesa. Acende-se a vela



nas duas extremidades, depois de lhe colocar por baixo dois pires destinados a receber os pingos da stearina.

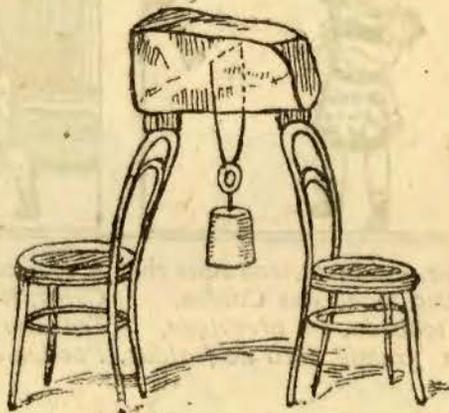
Logo que a vela esteja acêsa, vejamos o que se passa: o baloço está horizontalmente, mas logo que, em consequência da combustão, uma gota de stearina se desprende e cai no pires, o equilíbrio desfez-se e o baloço inclinou-se para o lado mais pezado. Mas eis que também deste lado cai um pingo de stearina liquifeita, e é agora a outra metade que desce, e assim sucessivamente até que a vela totalmente se consuma.

Fio corta gelo

Há circunstancias em que o gelo parece comportar-se não como um sólido, mas como um líquido viscoso.

Vamos aproveitar esta situação especial de um bloco de gelo para o cortarmos ao meio por um processo simples e engenhoso.

Coloquemos um bloco de gelo sobre dois suportes, deixando um vácuo entre êles. Rodeia-se o gelo com um fio de arame fino e prende-se a este fio, por baixo do bloco,



um pêso grande. Ao cabo de pouco tempo vereis o fio de arame penetrar no gelo, traçar lentamente um fundo golpe e cair, finalmente, arrastado pelo pêso. E contudo o bloco de gelo não conserva vestígios da sua passagem. É que a pressão do fio elevou a temperatura do gelo e fê-lo derreter-se no seu trajecto. Mas o fio passou, a pressão deixou de exercer-se e a água da fusão gelou de novo tapando a fenda traçada pela passagem do fio.

A DIVINHAS

1

São gémeos e tudo dizem,
Reflectindo o estado d'alma,
Na tristeza, cheios d'água;
Na alegria, irrequietos;
Socegados, mostram calma.

Almira Gonçalves

2

Qual a coisa que é encosto,
Que há em palácio e locanda,
E cujo nome, mal posto,
Faz que anda mas não anda?

Decifra... anteriores

- 1 — Caneta
- 2 — Planta

Anedotas verdadeiras

Em casa de muitas meninas irmãs a mais nova tem o costume de mangar com a criada de onze anos. Numa dessas vezes, chamando-lhe idiota, dizem-lhe as irmãs mais velhas:

— «Ela nem sabe o que é ser idiota!»

Resposta da criada:

— «Não admira; eu ainda não estudo mapas.

Maria Amelia Ferreira

Num colégio

Numa ocasião de férias a professora diz para um aluno,

— «Então, adeus; muito boas festas e estimo que tenhas mais juízo.

O aluno distraído:

— «Igualmente, minha senhora.

Aurelina Tropão

MARICOTA E MARIQUINHAS



*Maricota e Mariquinhas,
Duas pequenas irmãs,
Embalando as bonequinhas,
Fingiam que eram mães.*



*Marcolina — assim se chama
Uma das três amiguinhas,
Fingia que era uma ama
Da filha da Mariquinhas.*



*Maricota que não via
Mais meninas p'ra brincar,
Uma ama também qu'ria
Para o filhinho criar.*



*Porque, em suma, era mais chic
Ter ama vinda das Caldas,
Com toucado, um arrebrigue,
E um grande sacco de fraldas.*



*A Maricota, então, chama
Chico, irmão da Marcolina,
Transforma-o em linda ama,
Põe-lhe sãias de menina.*



*Mas o Chico que não pode
Ver um homem Mariquinhas,
Resolve por um bigode
E deitar fora as sainhas.*



*Fazendo a voz muito rouca,
A' Maricota, então, diz:
— «Sabes?!... por causa da touca,
Deixou a ama o petiz.*

*Despedi-a. Pu-la a andar!...
E torna, num grande tom;
— «Iremos alimentar
Nosso filho a biberon!»*



Os meninos que ainda o não tiverem, devem pedir aos seus papás que lhes comprem o

PÁ-TÁ-PÁ

Poesias infantís por AUGUSTO DE SANTA-RITA
--Com lindas ilustrações de EDUARDO MALTA--

Esplêndidas para os meninos
— — recitarem — —

Para assinantes do "Século" 4 escudos; não assinantes 5

PEDIDOS A ADMINISTRAÇÃO DE O SECULO — | — RUA DO SECULO, 59, — | — LISBOA